



A FÉ CRISTÃ

Estudos baseados no
Breve Catecismo
de Westminster

O clássico *A Body of Divinity* de

Thomas Watson



A Fé Cristã

A Fé Cristã – Estudos no Breve Catecismo de Westminster, por Thomas Watson © 2009 Editora Cultura Cristã. Publicado originalmente em 1692 como parte da obra *A Body of Divinity*. 1ª edição da Banner of Truth Trust a partir da edição de 1890: 1958. Edição revisada da Banner: 1965. São reservados todos os direitos desta tradução.

1ª edição – 2009 – 3.000 exemplares

Conselho Editorial

Ageu Cirilo de Magalhães, Jr.
Alderí Souza de Matos
André Luis Ramos
Cláudio Marra (*Presidente*)
Fernando Hamilton Costa
Francisco Solano Portela Neto
Mauro Fernando Meister
Tarcizio José Freitas de Carvalho
Valdeci da Silva Santos

Produção Editorial

Tradução

Trinity Traduções e Produções S/C Ltda

Revisão

Charles Marcelino da Silva

Wilton de Lima

Edna Guimarães

Editoração

Rissato

Capa

Osiris C. Rangel Rodrigues

W331f Watson, Thomas

A fé cristã, estudos baseados no breve catecismo de Westminster / Thomas Watson;
traduzido por Trinity Traduções e Publicações S/C. _ São Paulo: Cultura Cristã, 2009
368 p.: 16x23cm

Tradução A Body of divinity

ISBN 978-85-7622-290-3

1. Fé cristã 2. Doutrina I. Título

234.1 CDD



EDITORA CULTURA CRISTÃ

R. Miguel Teles Jr., 394 – Cambuci – SP
15040-040 – Caixa Postal 15.136
Fone (011) 3207-7099 – Fax (011) 3279-1255
www.editoraculturacrista.com.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Sumário

Biografia de Thomas Watson	7
I. Preâmbulo – Firmes e fundamentados na fé	15
1. É dever dos cristãos se firmarem na doutrina	15
2. É dever dos cristãos se fundamentarem na doutrina	18
II. Primeira Parte – O Homem e as Sagradas Escrituras	21
A. O fim principal do homem	21
1. Glorificar a Deus para sempre	21
2. Deleitar-se em Deus para sempre	37
B. As Sagradas Escrituras	43
1. A autoridade das Escrituras Sagradas	43
2. As Escrituras canônicas são a regra completa	48
3. O escopo principal e o fim da Escritura	48
4. A legítima interpretação das Escrituras	49
III. Segunda Parte – Deus, seu Ser e seus decretos	57
A. O ser de Deus	57
1. A existência de Deus	57
2. Deus é Espírito	64
3. Que tipo de Espírito é Deus?	69
B. O conhecimento de Deus	74
1. A grandeza do conhecimento de Deus	74
2. A natureza do conhecimento de Deus	75
3. A infinitude do conhecimento de Deus	76
C. A eternidade de Deus	81
1. O que é a eternidade de Deus	81
D. A imutabilidade de Deus	86
1. Deus é imutável em sua natureza	86
2. Deus é imutável em seu decreto	90
E. A sabedoria de Deus	92
1. A infinita inteligência de Deus	93
2. O trabalho de Deus é perfeito	93
F. O poder de Deus	99
1. Deus tem direito soberano e autoridade sobre o homem	99
2. A autoridade e o poder de Deus são infinitos	100
3. Deus limita o uso de seu poder segundo sua vontade	102
G. A santidade de Deus	105
1. A natureza da santidade de Deus	105
2. A santidade de Deus em seus eleitos	108

H. A justiça de Deus	111
1. O que é a justiça de Deus?	111
2. Onde identificamos a justiça de Deus?	112
3. Deus é justo ao permitir que o ímpio prospere?	113
4. Deus é justo ao permitir que o justo sofra aflições?	114
5. Deus é justo ao salvar uns e punir outros?	115
I. A misericórdia de Deus	117
1. Particularidades da misericórdia de Deus	118
2. A natureza da misericórdia de Deus	121
J. A verdade de Deus	125
1. Deus é a verdade	125
2. A verdade de Deus	125
L. A unidade de Deus	130
1. Há somente uma causa primeira	130
2. Há somente um ser infinito	131
3. Há somente um poder onipotente	131
M. A Trindade	135
1. A unidade na Trindade	136
2. A Trindade na unidade	136
N. A criação	140
1. A feitura do mundo	141
2. O adorno do mundo	142
3. Razões para a criação do mundo	143
O. A providência de Deus	147
1. A realidade da providência de Deus	147
2. A definição de providência de Deus	147
3. O alcance da providência de Deus	148
4. Objeções à doutrina da providência de Deus	150
5. Proposições sobre a providência de Deus	152
IV. Terceira Parte – O pecado e a queda	157
A. O pacto das obras	157
1. O pacto das obras feito com Adão e toda a humanidade	157
2. Características do pacto feito com Adão	158
B. O pecado	162
1. Quanto ao pecado em geral	162
2. Quanto à odiosidade do pecado	162
C. O pecado de Adão	167
1. Nossos primeiros pais caíram de seu glorioso estado de inocência	167
2. O pecado pelo qual nossos primeiros pais caíram foi comer do fruto proibido	169
D. O pecado original	173
1. No pecado original há algo exclusivo e algo absoluto	174
2. Algumas características do pecado original	175
E. A desgraça do homem no pecado	180

1. Particularmente	180
2. Absolutamente	180
V. Quarta Parte – O pacto da graça e seu mediador	187
A. O pacto da graça	187
1. Qual é o novo pacto?	187
2. Quais nomes são dados a esse pacto?	187
3. Por que Deus deveria fazer um pacto conosco?	188
4. Os dois pactos, da graça e das obras, são diferentes?	188
5. Qual é a condição do pacto da graça?	189
B. Cristo, o mediador do pacto	194
1. A pessoa do mediador do pacto	196
2. A graça do mediador do pacto	197
C. O ofício profético de Cristo	200
1. Como Cristo ensina?	200
2. Quais são as lições que Cristo ensina?	201
3. Como o ensino de Cristo difere de outros ensinamentos?	201
D. O ofício sacerdotal de Cristo	206
1. Em seu ofício sacerdotal, Cristo satisfaz a lei	207
2. Em seu ofício sacerdotal, Cristo intercede por nós	212
E. O ofício real de Cristo	222
1. Cristo é rei em relação a seu povo	223
2. Cristo é rei em relação a seus inimigos	224
F. A humilhação de Cristo em sua encarnação	227
G. A exaltação de Cristo	239
1. Em que sentido Deus exaltou a Cristo?	239
2. De quantas maneiras Cristo foi exaltado?	239
H. Cristo, o redentor	245
1. Cristo comprou nossa redenção	245
VI. Quinta Parte – A Redenção e sua aplicação	251
A. Fé	251
1. A natureza da fé salvadora	251
2. A operação da fé salvadora	253
3. A preciosidade da fé salvadora	253
4. A justificação na fé salvadora	254
B. Vocação eficaz	257
C. Justificação	263
1. Definição de justificação	264
2. Características da justificação	266
D. A adoção	269
E. A santificação	278
1. O que é santificação?	279
2. Quais são as falsificações da santificação?	281

3. Onde se vê a necessidade da santificação?	283
4. Quais são os sinais da santificação?	284
F. A certeza	289
1. Definição de certeza da santificação	290
2. A diferença entre certeza e presunção	291
3. Deve-se procurar essa certeza	292
4. Firmando-se nessa certeza	297
G. A paz	301
H. A alegria	307
I. O crescimento na graça	314
J. A perseverança	320
1. Ao dizer que os crentes perseveram, admitimos que:	321
2. Por quais meios os cristãos perseveram?	322
3. Argumentos para provar a perseverança dos santos	323
4. Respondendo a algumas das objeções dos arminianos	325
VII. Sexta Parte – A morte e o último dia	333
A. A morte do justo	333
1. A vida do cristão é Cristo	333
2. A morte do cristão é lucro	334
B. O privilégio do crente na morte	339
1. Os cristãos recebem benefícios em sua morte	339
2. Os cristãos são unidos a Cristo em sua morte	343
3. Os cristãos têm suas almas glorificadas em sua morte	344
C. A ressurreição	350
1. Os justos terão seus corpos glorificados	350
2. Os justos serão justificados publicamente	356
Notas	363
Índice Remissivo	368

BIOGRAFIA DE THOMAS WATSON

Compilada por C. H. Spurgeon

A Body of Divinity [em nossa edição, *A Fé Cristã – Estudos baseados no Breve Catecismo de Westminster*] é uma das mais preciosas e inigualáveis obras dos puritanos. Todos os que tiveram contato com esta obra sabem muito bem disso. Watson foi um dos escritores mais objetivos, profundos, sugestivos e elucidativos dentre os célebres teólogos que fizeram da era puritana o período dourado da literatura evangélica. Há uma união muito feliz entre a boa doutrina, a profunda experiência e a sabedoria prática evidentes em todas as suas obras. Este livro é, mais que todos os outros, útil aos alunos e aos ministros.

Embora Thomas Watson tenha escrito muitos livros preciosos, comparativamente pouco se sabe de sua pessoa. Nem mesmo as datas de seu nascimento e morte são conhecidas.¹ Seus escritos são suas melhores memórias. Ele talvez não precisasse de outras e, portanto, a providência evitou o desnecessário. Não devemos tentar descobrir sua ascendência e, como fazem os antiquários, encontrar uma famosa família Wat, à qual esteja ligado, cujo filho se destacou nas cruzadas ou em qualquer empreendimento insano. É de pouca importância se teve ou não sangue azul correndo em suas veias, pois sabemos que foi de semente real redimido pelo Senhor. Alguns homens são seus próprios ancestrais e, pelo que sabemos, a genealogia de Thomas Watson não lhe atribuiu fama, mas todo o seu brilho provém de suas realizações.

Teve a felicidade de ser educado no Emmanuel College, em Cambridge, que naqueles dias merecia ser chamada de a escola dos santos, a grande mãe que alimentou eruditos evangélicos. No *Register and Chronicle* de Kennet (vol. 1, págs. 933,934) encontra-se uma lista de 87 nomes de ministros puritanos, incluindo-se muitos famosos e queridos pregadores e comentaristas como: Anth. Burgess, W. Jenkyn, Ralph Venning, Thomas Brooks, T. White, Samuel Slater, Thomas Watson, John Rowe, Dr. W. Bates, Stephen Charnock, Samuel Clarke, Nathaniel Vincent, Dr. John Collings, William Bridge, Samuel Hildersam e Adoniram Bifield. Após cada nome havia um comentário que dizia: “A maioria destes homens é mencionada na lista dos sofrendores a favor do não-conformismo e aparece no rol dos alunos matriculados no Emmanuel College. Apesar de serem muitos, sem dúvida são da mesma sociedade que produziu pregadores no contexto das infelizes mudanças de 1641”,² etc. Na margem da introdução do livro se encontra a seguinte observação: “Não é impróprio observar quantos jovens

estudantes, de ambas as universidades, ficaram desanimados em virtude do preconceito de seus diretores e tutores. Por isso, somente Emmanuel College, em Cambridge, produziu mais puritanos e não-conformistas que, talvez, todas as outras sete faculdades ou academias em qualquer uma das universidades”. Um fato como esse deveria direcionar as orações de todos os crentes a favor dos nossos seminários e dos nossos discípulos, pois da maneira como essas instituições são conduzidas dependerá, diante de Deus, o futuro bem-estar de nossas igrejas. O seminário Pastors’ College, que publica esta obra para o uso de seus alunos, pede insistentemente as orações intercessoras dos santos.

Não nos surpreende descobrir que Thomas Watson desfrutou a boa reputação de ser o aluno mais aplicado enquanto estudava em Cambridge. Os grandes autores puritanos devem ter sido muito ativos na universidade, ou nunca teriam se tornado inigualáveis mestres em Israel. O aluno consciente é aquele que muito provavelmente se tornará um pregador de sucesso. Após completar seu curso com honras, Watson se tornou reitor da paróquia de St. Stephen, em Walbrook, onde, no coração de Londres, exerceu fielmente o ofício de pastor por quase dezesseis anos, com grande diligência e devoção. Felizes foram os cidadãos que receberam regularmente as ministrações tão instrutivas e espirituais de Watson. A igreja estava constantemente cheia, pois a fama e a popularidade do pregador eram merecidamente grandes. Envolvendo-se com seu rebanho, cheio de santo zelo pelo destino eterno dele, os anos passaram com muitas alegrias enquanto crescia o respeito por parte de todos os que o conheciam.

Calamy,³ em seu memorial não-conformista, diz o seguinte de Watson:

Ele era tão conhecido na cidade por sua piedade e disposição em ajudar que, embora fosse afamado no Friendly Debate,⁴ levou para a sepultura o respeito geral de todas as pessoas sérias. Era um homem culto, um pregador popular, mas sensato (se assim podemos julgá-lo por seus escritos), e conspícuo no dom da oração. Sobre como gostava de orar, segue-se um fato que será prova suficiente.

Uma vez, em um dia de palestra, antes de acontecer o Ato de Bartolomeu,⁵ ficou sabendo que o bispo Richardson veio ouvi-lo na igreja de St. Stephen. O bispo ficou muito satisfeito com seu sermão, mas especialmente com sua oração ao final, de maneira que o seguiu a fim de lhe agradecer e pedir uma cópia de sua oração. Em resposta, o Sr. Watson disse: “Não posso te dar o que me pedes, pois não escrevo minhas orações. Não é algo estudado, mas espontâneo, *pro re nata*, como Deus me capacitou, de todo o meu coração e sentimento”. O bom bispo foi embora pensativo pelo fato de um homem poder orar daquela maneira extemporaneamente.

Entretanto, a mão que outrora oprimira a igreja se estendia novamente para afligir alguns dos santos. Os mais cultos, santos e zelosos do clero da Igreja da Inglaterra descobriram que o ato da uniformidade não lhes permitiria manter suas consciências puras e seus estilos de vida, por isso se submeteram a perder tudo por causa de Cristo. Thomas Watson não hesitou em relação ao caminho que deveria seguir. Não era um faccioso inimigo da realeza, nem um republicano vermelho, nem mesmo um homem da quinta monarquia. Na verdade, havia sido muito leal à casa de Stuart nos dias do Cromwell. Havia protestado contra a execução do rei e se unido ao plano de Love para conduzir Charles II ao trono. Embora tivesse tudo isso a seu favor, era um puritano e, portanto, não deveria ser tolerado pelos espíritos ressentidos que dominavam o governo da época. Quaisquer que tenham sido as sementes de discórdia semeadas na trágica história do Ato de Bartolomeu, ele não guardou rancor. Mas os resultados finais estavam cheios do unimaginável. A compreensão pode ter atrapalhado a verdade. Os direitos da coroa do rei Jesus poderiam ter sofrido de falta de advogados se os monarcas e os sacerdotes tivessem sido mais tolerantes. Da maneira como aconteceu, homens bons foram forçados a uma posição mais verdadeira do que aquela que, por outro lado, ocupavam, e o começo de uma reforma real estava inaugurado. A partir desse começo sofrido houve muito progresso. A cada dia, a causa dos excluídos empurrava e forçava os adversários em direção à beira do precipício, pois abaixo devem cair todos os levantes contra o reino de Deus.

Com muitas lágrimas e lamentos, a congregação de St. Stephen viu seu pastor ser arrancado de seu rebanho. Com corações doloridos ouviram suas palavras de despedida. Ele mesmo falando como quem está de luto do que mais deleitava seu coração, sofrendo com alegria a perda de todas as coisas, despediu-se deles e saiu “sem saber aonde ia”.

Na coleção *Sermões de Despedida*, há três sermões do Sr. Watson. Dois foram pregados no dia 17 de agosto e o terceiro na terça-feira seguinte. O primeiro deles, pregado um pouco antes do meio-dia, foi baseado no evangelho de João 13.34: “Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros...”. O sermão enfoca muito do espírito do evangelho, particularmente ao recomendar amor aos inimigos e perseguidores.

O segundo sermão, pregado à tarde, foi baseado em 2 Coríntios 7.1: “Tendo, pois, ó amados, tais promessas, purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus”. Na primeira parte do sermão, ele insiste muito nas “... ardentes afeições de um bom ministro do evangelho para com seu povo”.

Watson termina essa primeira parte assim:

Eu exerci meu ministério com vocês por quase dezesseis anos. E me regozijo e agradeço a Deus por não ter o direito de dizer de vocês que quanto mais vos amei, menos fui amado. Recebi muitos sinais que demonstram o amor de vocês. Ao passo que outras igrejas tenham mais membros que a nossa, entretanto, eu acredito que nenhuma tem tão forte afeição.

Tenho observado com muita satisfação a reverente atenção que vocês têm à palavra pregada. E esta luz alegra vocês, não por um breve momento, mas até o dia de hoje. Tenho observado em vocês o zelo contra o erro em momentos críticos, e a unidade e a harmonia que vocês têm. Essa é a honra de vocês. Se for necessária uma interrupção de meu ministério nesta igreja, visto que não seja permitido pregar para vós novamente, contudo não deixarei de amá-los e orar por vocês.

Porém, por que deve haver alguma interrupção? Onde está o crime? Alguns, de fato, dizem que somos desleais e rebeldes. Amados, minhas atitudes e sofrimentos por Sua Majestade são de conhecimento de muitos. No entanto, devemos ir para o céu com elogios e críticas. E é bom que possamos chegar à glória, mesmo que lutemos contra baionetas.

Eu me esforçarei para ainda mostrar a sinceridade de meu amor por vocês. Não prometerei que outra vez pregarei para essa igreja, nem direi o contrário. Desejo ser guiado pelo fio de prata da Palavra de Deus e sua providência. Meu coração é vosso. Há, como vós sabeis, uma expressão neste último Ato de Uniformidade dizendo: “que possamos, em breve, ser como que naturalmente mortos”. Se eu devo morrer, vou deixar algum legado a vocês.

A seguir, deixou uma lista com vinte orientações admiráveis, dignas do exame fervoroso de cada cristão.

A conclusão das orientações foi a seguinte:

Rogo a vocês que as guardem como as muitas jóias no cofre dos corações. Carreguem-nas por onde forem, serão um antídoto para guardar vocês do pecado e um meio de preservar o zelo da chama da piedade sobre o altar dos corações de vocês. Ainda tenho muito a dizer, mas não sei se Deus me dará outra oportunidade. Minhas forças se extinguem quase de todo. Rogo a vocês que essas coisas produzam uma grande marca em vossas almas. Meditem no que foi dito e o Senhor dará entendimento em todas as coisas.

O último discurso, em 19 de agosto, foi baseado em Isaías 3.10,11: “Dizei aos justos que bem lhes irá; porque comerão do fruto das suas ações. Ai do perverso! Mal lhe irá; porque a sua paga será o que as suas próprias mãos fizeram”.

Após sua saída, Watson pregou esporadicamente onde pudesse fazê-lo em segurança. Multas e prisões foram insuficientes para fechar a boca das testemunhas de Jesus. Em barracões, cozinhas, casas de fazendas, vales e florestas, os poucos fiéis se reuniam para ouvir a mensagem de vida eterna. Sem dúvida alguma, as pequenas assembléias secretas eram boas ocasiões para as mentes piedosas: a Palavra do Senhor era preciosa naqueles dias. Pão comido em secreto é proverbialmente doce e a Palavra de Deus na perseguição é especialmente deliciosa. Não podemos imaginar a alegria que antecedia aquelas reuniões ou as memórias inesquecíveis que permaneciam por muito tempo depois que acabavam.

Após o grande incêndio de 1666, quando igrejas foram queimadas, o Sr. Watson e outros não-conformistas prepararam grandes salas para os que desejavam se reunir. Em um tempo de tolerância, em 1672, ele conseguiu uma licença para usar uma grande sala na Crosby House, no lado leste da rua Bishopsgate, que pertencia a Sir John Langham (um não-conformista). Foi uma circunstância em que o digno nobre favoreceu a causa da não-conformidade e que tão distinta câmara estava à sua disposição. Ali, Watson pregou por vários anos. O Rev. Stephen Charnock, B.D. tornou-se seu pastor auxiliar na Sala Crosby, em 1675, e continuou até sua morte em 1680. Dois ótimos pastores para o rebanho. Homens assim, com dons e graças tão extraordinários, dificilmente, se é que isso ocorreu alguma vez, uniram-se em um único pastorado. Ambos se propuseram a escrever um livro sobre fé cristã, e o volume piedoso sobre *Os Atributos Divinos* foi a primeira pedra colocada pelo pastor Charnock numa estrutura colossal que conseguiu completar. Watson foi mais modesto na tentativa de escrever, e este volume mostra como teve sucesso.

Thomas Watson, depois de um tempo, voltou a Essex, onde morreu repentinamente em seu quarto enquanto orava. Morreu por volta dos anos de 1689 ou 1690. A data de seu nascimento e a de sua morte não são mencionadas em lugar algum.

Na biografia do Coronel James Gardiner há uma citação impressionante:

Em julho de 1719, um sábado, ele havia passado o começo da noite com companhias agradáveis. Dentre elas havia uma senhora casada com quem combinou um encontro amoroso secreto à meia-noite. A reunião de amigos acabou às 23 horas e então, enquanto aguardava dar meia-noite, foi para seu quarto esperar o tedioso tempo passar. Aconteceu que ele pegou um livro religioso, que sua boa mãe ou tia havia colocado em sua sacola. O livro se chamava *O Soldado Cristão*, escrito pelo Sr. Watson. Pensando, pelo título, que iria achar algumas frases espiritualizadas de sua profissão que pudessem fazê-lo rir,

começou a lê-lo. Enquanto aquele livro estava em suas mãos, uma impressão veio sobre sua mente que resultou em uma série de conseqüências muito importantes. De repente, pensou ter visto um brilho incomum de luz cair sobre o livro enquanto o estava lendo e, ao levantar seus olhos, descobriu, para sua perplexidade extrema, que diante dele estava suspensa no ar uma representação de Jesus Cristo na cruz, rodeado de glória. Ficou impressionado como se uma voz lhe dissesse: “Pecador, eu sofri isto por ti e assim me retribuis?” Ele afundou na cadeira e ficou algum tempo sem ação. Então, levantou-se com os sentimentos confusos, andou de um lado para o outro em seu quarto até quase cair pela incomum surpresa e agonia no coração. Isso continuou até outubro do ano seguinte, quando suas ansiedades foram transformadas em alegria indizível.

O Sr. Watson publicou vários livros sobre assuntos práticos e úteis, dentre eles podemos citar os mais importantes: *Three treatises: 1. The Christian’s Charter; 2. The Art of Divine Contentment; 3. A Discourse of Meditation*, ao qual foram acrescentados vários sermões em 1660. Esse volume contém, além dos três tratados, *God’s Anatomy upon Man’s Heart, The Saint’s Delight, A Christian on Earth still in Heaven, Christ’s Loveliness, The Upright Man’s Character and Crown, The One Thing Necessary, The Holy Longing*; ou, *The Saint’s Desire to be with Christ, Beatitudes*; ou, *A Discourse upon part of Christ’s Famous Sermon upon the Mount*, 1660, *A Body of Practical Divinity*, etc., além de alguns sermões: *A Divine Cordial, The Holy Eucharist, Heaven taken by Storm*, etc.

Porém, sua obra principal foi *A Body of Divinity*,⁶ uma coleção de 176 sermões sobre o *Breve Catecismo da Assembléia de Westminster*, que só apareceu depois de sua morte. Esse livro foi publicado em um volume, em 1692, e acompanhava uma descrição do autor feita por Stuart, além de um prefácio recomendatório feito pelo rev. William Lorimer e 25 outros ministros de destaque da época.

Por muitos anos, esse volume continuou a ensinar teologia ao povo comum e ainda pode ser encontrado em cabanas pobres da Escócia. O Rev. George Rogers, diretor do The Pastor’s College, foi quem cuidadosamente organizou o lançamento desta edição atual e escreveu uma nota para nós:

Não conheço outra obra com tanto material para sermão dentro da mesma área. Em Howe, Charnock e Owen geralmente lemos bastante antes de fechar o livro e elaborar um sermão, mas Watson nos ensina a cortar o caminho. Tudo que diz pode ser usado, por isso, penso, seria uma obra de grande valor para todos os nossos alunos que exercem o ministério pastoral. Foi para benefício deles, suponho, que foi feita a reedição. Vários sermões selecionados, que geralmente são relacionados

a esta obra, não aparecem aqui, mas aparecerão na obra completa de suas obras na série feita por Nichol.

Este é um trabalho distinto e completo em si. Todas as edições existentes que já verificamos estão cheias de erros e imperfeições. Esta edição foi retificada, não inteiramente, mas conforme o esperado. Nenhuma mudança de posição foi feita, mas cada detalhe do que o autor quis dizer foi cautelosamente mantido. O estilo foi modernizado sem que deturpasse suas características. Sentenças longas foram divididas em duas ou três, quando possível, sem ferir a clareza ou força da significação. Palavras obsoletas foram substituídas por modernas. Citações latinas foram restauradas à forma correta, conforme suas fontes foram confirmadas, e as divisões de assuntos foram organizadas com mais lógica. O todo ficou mais legível e, conseqüentemente, mais atrativo e inteligível, que em nossa opinião sobrepuja todas as supostas vantagens que poderiam se levantar na perpetuação de crueldades e vulgaridades (da linguagem) dos tempos passados conforme parecem agora para nós. Ao se popularizar obras antigas, multiplica-se os leitores de tais obras e suas mensagens podem ser mais rapidamente apreendidas.



I. PREÂMBULO

FIRMES E FUNDAMENTADOS NA FÉ

“... se é que permaneceis na fé, alicerçados e firmes...” (Cl 1.23).

Considerando que, no próximo domingo, iniciarei uma instrução na doutrina com a igreja, torna-se útil um sermão introdutório para mostrar a vocês quanto é necessário ao cristão ser bem instruído nos fundamentos da religião, “se é que permaneceis na fé, alicerçados e firmes...”.

Este sermão está dividido em duas partes: 1. *É dever dos cristãos se firmarem na doutrina*, e 2. *É dever dos cristãos se fundamentarem na doutrina*.

1. É dever dos cristãos se firmarem na doutrina

É obrigação dos cristãos serem firmes na doutrina da fé. O apóstolo afirma: “Ora, o Deus de toda a graça..., ele mesmo vos há de aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar” (1Pe 5.10). Essas palavras ensinam que os cristãos não devem ser semelhantes aos meteoros no céu, mas como as estrelas fixas.

O apóstolo Judas fala sobre “estrelas errantes” (Jd 13). São chamadas estrelas errantes porque, como Aristóteles⁷ diz: “elas vão para cima e para baixo vagueando por várias partes do céu; e por não serem feitas do material celeste do qual as estrelas fixas são, mas apenas uma emanção dele, essas estrelas geralmente caem na terra”.⁸ Assim são aqueles que não são firmes na fé. Uma hora ou outra, eles farão como as estrelas cadentes, perderão a firmeza e vaguearão de uma a outra opinião. Agirão impetuosamente à semelhança da tribo de Rúben (Gn 49.4); como um navio sem lastro, levado por qualquer vento de doutrina.

O francês Leodore Beza (1519-1603), sucessor de Calvino, escreve sobre Belfectius de quem a religião mudava como a lua. Os arianos,⁹ por sua vez, a cada ano mudavam a sua fé. Pessoas assim não são pilares no templo de Deus, mas caniços movidos para todas as direções. O apóstolo chama tal atitude de “heresias destruidoras” (2Pe 2.1). Uma pessoa pode ir para o inferno tanto por heresia quanto por adultério. Não ser firme na fé é querer julgamento. Se as mentes deles não fossem volúveis, não mudariam tão rápido de opinião. A razão de tal atitude é a falta de substância. Como penas sopradas para todos os lados, assim também são os cristãos sem fé.

Como disse Cipriano:¹⁰ “O trigo que não é ajuntado, o vento sopra como palha”. Portanto, são comparados às crianças: “para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro...” (Ef 4.14). As crianças são volúveis, às vezes se comportam de um modo e às vezes de outro. Nada lhes agrada por muito tempo. Por isso, cristãos que não são firmes, são infantis. As verdades que abraçam em um momento rejeitam noutra. Às vezes gostam da religião protestante, mas logo se agradam dos papistas.

1. O propósito da pregação é conduzir à firmeza na religião

O grande propósito da pregação da Palavra é conduzir à firmeza na fé. Efésios 4.11,12,14 diz: “E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo... para que não mais sejamos como meninos...”. A Palavra de Deus é chamada de martelo (Jr 23.29). Cada pancada do martelo serve para firmar os pregos na madeira, assim a palavra do pregador serve para firmar o ouvinte mais e mais em Cristo. Os pregadores se desgastam para fortalecer e firmar o crente. E este é o grande propósito da pregação: não somente iluminar, mas edificar almas; não somente guiar no caminho certo, mas manter no caminho. Então, se você não for firmado, não atingiu o propósito de Deus que concedeu a você a instrução.

2. Firmar-se na fé é uma honra e uma qualidade do cristão

Firmar-se na fé é tanto uma honra para os cristãos quanto uma qualidade. É sua qualidade. Quando o leite fica firme, vira nata; o cristão zeloso pela verdade andarão em comunhão com Deus.

A honra do cristão são as cãs: “Coroa de honra são as cãs, quando se acham no caminho da justiça” (Pv 16.31). É maravilhoso ver um discípulo idoso, ver cabelos prateados enfeitados com virtudes de ouro.

3. Aqueles que não são firmes na fé nunca sofrerão pelo reino de Deus

Aqueles que não são firmados na fé nunca poderão sofrer por ela. Céticos jamais experimentam o martírio. Aqueles que não estão firmes, estão em suspense. Quando pensam nas alegrias do céu se entregam ao evangelho, mas quando pensam nas perseguições, o abandonam. Cristãos que não são firmes não levam em consideração o que é melhor, mas o que é mais seguro. Tertuliano¹¹ diz que “o apóstata parece colocar Deus e Satanás em uma balança e, depois de pesar ambos, prefere servir ao maligno. Proclama-o como o melhor mestre e, neste sentido, ‘expõe Cristo à ignomínia’” (Hb 6.6). Ele nunca sofrerá pela verdade, mas será como

um soldado que deixa sua farda e corre para o lado do inimigo. Lutará do lado do maligno por lucro.

4. Não ser firme na fé é provocar a Deus

Dar-se à verdade e depois se desviar traz mal-estar sobre o evangelho, e isso não ficará sem punição. “Tornaram atrás e se portaram aleivosamente como seus pais; desviaram-se como um arco enganoso... Deus ouviu isso, e se indignou, e sobremodo se aborreceu de Israel” (Sl 78.57, 59). O apóstata cai repentinamente na boca do demônio.

5. Não ser firme na religião impede o crescimento na vida cristã

Caso você não seja firme na fé, nunca crescerá. Somos ordenados a crescer “naquele que é a cabeça, Cristo” (Ef 4.15). Contudo, se não estamos firmados, não há crescimento: “a planta que é constantemente transplantada, nunca cresce”. Quem não é firme não pode crescer na piedade, como um osso do corpo não pode crescer se estiver fora da junta.

6. Firmar-se na religião para resistir àqueles que tentam nos abalar

Há uma grande necessidade de ser firme em razão de tantas coisas que existem para nos abalar. Os sedutores estão por toda parte. E o trabalho deles é afastar as pessoas dos princípios da fé: “Isto que vos acabo de escrever é acerca dos que vos procuram enganar” (1Jo 2.26). Os enganadores são agentes do maligno; são os grandes bandidos que tentam nos tirar da verdade. Eles têm línguas de prata que podem semear coisas más. Eles são astuciosos em induzir ao erro (Ef 4.14).

A palavra grega para astúcia, em Efésios 4.14, provém do jogo de dados. Há os que jogam dados e o fazem para vantagem própria. Sedutores são impostores, podem jogar um dado. Podem dissimular e distorcer a verdade enganando os outros. Sedutores enganam pelo uso inteligente das palavras. Romanos 16.18 diz: “... com suaves palavras e lisonjas, enganam o coração dos incautos”. Eles apresentam frases elegantes, uma linguagem bajuladora com a qual atacam o caráter do mais fraco.

Outra astúcia dos sedutores é sua pretensa piedade extraordinária, de maneira que muita gente os admira e corrobora suas doutrinas. Parecem homens zelosos, santos e divinamente inspirados, mas simulam novas revelações.

Uma terceira enganação por parte dos sedutores é seu trabalho para difamar e anular mestres da boa ortodoxia. Ofuscam aqueles que trazem a verdade, como a fumaça negra que escurece a luz do céu. Difamam outros para que sejam mais admirados. Assim os falsos mestres depreciaram Paulo, a fim de serem o centro das atenções (Gl 4.17).